

Analisando Habilidades Envolvidas em Brincadeiras com Escolares

Pesquisadoras: Carla CB da Silva e Maria Luisa G Emmel

Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Fonte Financiadora: FAPESP

A constatação de que as brincadeiras ajudam no desenvolvimento global das crianças, refinando a coordenação motora, provo-

cando interações sociais, melhorando a atenção e à memória, é fato conhecido por diversos profissionais que trabalham com essa clientela. Como terapeutas ocupacionais, as autoras, envolvidas em um projeto que objetivava oferecer atividades nos horários de recreio para crianças de 7 a 10 anos, reencontraram uma antiga questão: a simples indicação "do brincar" não satisfazia a necessidade de conhecer quais elementos estariam, em cada atividade ou brincadeira, influenciando para o desenvolvimento de uma ou outra habilidade. Esta resposta só poderia ser colhida após uma análise minuciosa do *processo* da atividade. O que acontece *enquanto* a criança brinca? Que elementos possui *cada brincadeira* que permitem associá-los ao desenvolvimento de tal ou qual função ou habilidade? Não haveria brincadeiras mais indicadas e outras menos, para o desenvolvimento desta ou daquela habilidade? Como definir e como encontrar estas habilidades?

Foi com base nessas reflexões que surgiu o trabalho aqui descrito, que se encontra em andamen-

to. Ele se propõe a desenvolver uma sistematização para a análise de brincadeiras tradicionais infantis, de forma a facilitar a identificação de habilidades e colaborar com a programação de professores, terapeutas e outros profissionais que fazem uso da brincadeira como auxiliar no desenvolvimento de crianças. A fundamentação teórica adotada baseou-se principalmente em modelos teóricos e práticos da área de terapia ocupacional, que tem sua prática assentada na aplicação de atividades como forma de tratamento, prevenção, promoção do desenvolvimento e reabilitação.

"O procedimento básico para configurar cientificamente o uso da atividade é a sua análise" (Francisco, 1988, p.38). A análise de atividades, para a terapia ocupacional, tem como objetivo básico possibilitar o conhecimento detalhado da atividade, permitindo a observação de suas propriedades específicas.

Neste sentido, as atividades humanas devem ser compreendidas em sua historicidade, portanto a análise de atividade não pode ser concebida como uma simples tarefa a

ser realizada, mas como um método que efetiva uma intencionalidade. "E desse modo que se pode perceber a existência de diferentes focos de investigação (diferentes análises), correspondendo a diferentes intencionalidades", afirma Medeiros (1989, p. 117), complementando que na área há diferentes modelos de análise de atividade e que os mesmos correspondem a "... uma dada concepção de homem, saúde e sociedade..." (p. 118).

O modelo de Ocupação Humana, proposto por Kielhofner e colaboradores na década de 80, parece o mais adequado à análise pretendida. Ele está estruturado sob a Teoria Geral dos Sistemas que, a partir de seus elementos conceituais, descreve e explica a ocupação humana. Este modelo entende o homem como um sistema aberto e seu comportamento ocupacional como o resultado desse sistema aberto. "Um sistema aberto interage com seu ambiente e está constantemente mudando, como função dessa interação" (Kielhofner, Burke, 1990, p.57). Esta interação é um processo de *input* (informação ex-

terna), *throughput* (organização e reorganização interna da informação), *output* (informação exteriorizada/ação) e *feedback* (informações referentes à consequência da ação).

A estrutura e a organização interna de um sistema aberto são conceituadas por três subsistemas inter-relacionados e hierarquicamente organizados, cada um dos quais com uma finalidade diferente, que contribuem para o *output* do sistema. São eles: o subsistema da vontade, o do hábito e o do desempenho.

O subsistema da vontade é o nível mais elevado, que guia as escolhas da ação, partindo da motivação pessoal, dos objetivos e interesses. O subsistema do hábito, constituído por hábitos e papéis interiorizados, funciona para manter a ação. Já o subsistema do desempenho tem a função de produzir ações. Sua estrutura é constituída de habilidades organizadas para um fim.

Modelo de Análise Ocupacional

Ao se basear no modelo da ocupação humana, Cubie (1985) propõe um modelo de análise ocupa-

cional, no qual enfatiza a mútua influência da pessoa e do ambiente. Esse modelo de análise é proposto como um processo composto de duas partes; a primeira refere-se à análise ocupacional, na qual é realizado um estudo descritivo que visa examinar os seguintes aspectos: o ambiente criado pela ocupação, a motivação provocada, as formas com que a ocupação organiza o ambiente, as habilidades que ela utiliza e os tipos de *output* que são produzidos. A segunda parte do modelo de análise é a análise clínica da ocupação, em que se examina a relação prática entre as ocupações e os objetivos terapêuticos.

Ao realizar um estudo sobre este modelo de análise, observou-se que sua proposta parece ser a mais adequada para o objetivo desta pesquisa, por ser um estudo descritivo, que visa, dentre seus objetivos globais, à identificação das habilidades utilizadas numa atividade.

As habilidades compõem a estrutura do subsistema de desempenho e funcionam para produzir ações habilidosas. "As habilidades

incluem não somente o movimento e a percepção exigidos para agir sobre o ambiente, mas também a tomada de decisão e solução de problemas" (Kielhofner, 1990, p.64).

"As ações habilidosas exigem tanto funções fisiológicas (neurológicas e cinesiológicas) como funções simbólicas,..." (Relly, apud Kielhofner e Burke, 1990, p.64). "As habilidades consistem de ações componentes inter-relacionadas e organizadas flexivelmente, que levam à realização de um propósito ou de uma meta sob condições ambientais favoráveis" (Bruner, apud Kielhofner e Burke, 1990, p.64).

Cabe ressaltar que as habilidades e as regras que as organizam não são inatas, mas adquiridas. "As regras que governam as ações habilidosas são processadas largamente durante o longo período de imaturidade através das brincadeiras da criança" (Bruner, apud Kielhofner e Burke, 1990, p.64). Autoras como Bomtempo (1992) e Friedmann (1992) também consideram as brincadeiras como fatos universais, que cons-

tituem a cultura das crianças, possibilitando a aprendizagem de várias habilidades.

Para este trabalho, os termos jogos e brincadeiras serão sinônimos e serão entendidos como o ato ou efeito de brincar, correspondendo à atividade física ou mental organizada por um sistema de regras.

Brincadeiras ou jogos tradicionais infantis são aqueles filiados ao folclore como parte da cultura popular, transmitidos pelas gerações, e que aconteciam (ou acontecem) nas ruas, nas praças, nos parques, dentro de casa ou no recreio da escola (Friedmann, 1992).

Diante do conteúdo exposto surgem as seguintes questões:

— Quais as habilidades envolvidas em brincadeiras tradicionais?

— Quais as habilidades que mais se destacam? E quais as que são pouco utilizadas?

— Como viabilizar a análise de atividades de brincadeiras tradicionais?

Com isso, este trabalho objetiva analisar brincadeiras tradicionais infantis baseando-se na primeira parte do modelo de análise ocu-

pacional proposto por Cubie (1985), a fim de identificar as habilidades requeridas em tais brincadeiras. Para tanto, os objetivos foram assim especificados:

— descrever as brincadeiras, bem como o processo de desenvolvimento das mesmas;

— identificar e descrever as habilidades encontradas em brincadeiras tradicionais infantis;

— elaborar a sistematização de um procedimento para análise de atividades — brincadeiras tradicionais.

Procedimento de coleta de dados

Para a realização da coleta de dados, foi selecionada uma escola da rede pública, de acordo com os seguintes critérios: horário e local disponível para a realização das brincadeiras; interesse da direção da escola e de, pelo menos, uma professora do ciclo básico em participar da pesquisa.

Um grupo de 15 crianças, entre 8 e 9 anos de idade, de uma classe de ciclo básico, foi selecionado para participar da pesquisa. Para a realização das brincadeiras

foi estabelecido um número mínimo de participantes correspondente a 10 crianças do grupo de 15.

1 Foram programadas 20 sessões com duração de 50 minutos cada. Para cada sessão foram programadas de duas a três brincadeiras. Todas as brincadeiras realizadas foram filmadas.

Procedimento para a análise dos dados

Para a análise das brincadeiras e a identificação das habilidades nelas envolvidas, foi realizada uma adaptação do modelo de análise ocupacional, que teve como base os aspectos considerados relevantes, segundo os objetivos desta pesquisa. Para tanto, foram utilizados os seguintes indicadores básicos: descrição da brincadeira; tempo de duração; objetos utilizados e identificação das habilidades requeridas.

A seguir, serão apresentados os tópicos que compõem as análises das brincadeiras objetivadas, correspondentes aos resultados preliminares desta pesquisa.

Resultados preliminares—Análise das brincadeiras

DESCRIÇÃO DAS BRINCADEIRAS

As brincadeiras estão sendo descritas com o objetivo de expor suas características básicas, suas regras e variantes (quando houve uma variação). A maioria das brincadeiras foram extraídas da literatura e adaptadas às condições adequadas para sua aplicação. As alterações ocorridas deveram-se à necessidade de adaptações das brincadeiras à realidade das crianças e à situação escolar.

ANÁLISE AMBIENTAL

Consistiu em descrever alguns aspectos ambientais referentes à brincadeira, que são:

Espaço físico: corresponde ao local onde foram realizadas as brincadeiras, pátio aberto ou quadra de esportes da escola.

Espaço utilizado: refere-se à utilização, aproximada em metros quadrados, do espaço físico requerido pela brincadeira.

Objetos utilizados: consiste na descrição dos objetos utilizados para o desenvolvimento da brincadeira.

Tempo de duração: corresponde ao tempo total para a aplicação da brincadeira, que consistiu em: instruções, explicação das regras, organização do espaço e/ou das crianças e brincadeira propriamente dita.

Organização social: indica o número total de crianças que participaram da brincadeira, como também o número de meninos e de meninas que compuseram o número total.

Descrição da organização social: este item tem como objetivo descrever como as crianças se organizaram e/ou foram organizadas física e socialmente, durante a brincadeira.

ANÁLISE DO DESEMPENHO

Segundo Cubie (1985), a análise do desempenho consiste basicamente em identificar e descrever quais são as habilidades utilizadas, no caso, numa brincadeira tra-

dicional. Neste trabalho, optou-se por descrever a dinâmica das brincadeiras, a fim de auxiliar o procedimento de identificação das habilidades utilizadas.

Dinâmica da brincadeira: neste tópico, foi realizada a observação integral da brincadeira na fita de vídeo, em velocidade normal. Este procedimento objetivou identificar e compreender como ocorreu a dinâmica de cada brincadeira, isto é, o processo de desenvolvimento de uma brincadeira.

Mediante a descrição da dinâmica das brincadeiras, observou-se que a maioria delas se desenvolveu pela repetição de ações básicas, que mobilizaram a brincadeira. Cada conjunto destas ações básicas, que na maior parte das brincadeiras se repetem sucessivamente, foi denominado, neste trabalho, como *ciclo*.

A descrição da dinâmica das brincadeiras e a observação detalhada dos ciclos que as compõem possibilitaram a identificação de suas características básicas, o que permitiu agrupá-las em três categorias distintas.

CATEGORIAS DAS BRINCADEIRAS

Competição entre equipes: aqui foram incluídas todas as brincadeiras que eram compostas por equipes e que tinham como objetivo final a vitória de uma das equipes participantes. Nesta categoria também foi observada a presença de ciclos, onde a participação de uma a três crianças ganhou destaque.

Competição entre crianças: esta categoria compreendeu as brincadeiras que se desenvolveram com a participação conjunta de todas as crianças, competindo para um único objetivo: ser a equipe vencedora.

Linear, foram incluídas as brincadeiras que demandaram a participação destacada de uma a três crianças em cada ciclo, cujas ações envolviam questões de certo ou errado. Estas brincadeiras se caracterizaram por apresentar um ritmo contínuo, sem o objetivo final de destacar um vencedor.

IDENTIFICAÇÃO DAS HABILIDADES

Para a identificação das habilidades envolvidas numa brinca-

deira, foram escolhidos de dois a três ciclos, de acordo com a brincadeira. Os critérios de escolha dos ciclos analisados foram: a qualidade da imagem; a nitidez das ações exercidas pelas crianças, na filmagem; a não intercorrência de interrupções ou falhas e as características da brincadeira. Este último critério será apresentado na análise de cada brincadeira.

As habilidades, até o presente momento, estão sendo definidas com base nos comportamentos registrados, nas habilidades analisadas e na literatura, portanto, ainda se encontram em fase preliminar. Para esta definição, optou-se por autores como Valett (1977) e Landivar (1990), pelo fato de apresentarem habilidades definidas, segundo características de atividades realizadas por crianças em idade escolar.

Referências bibliográficas

BOMTEMPO, E. Brinquedoteca: espaço de observação da criança e do brinquedo. In: FRIEDMANN, A. et al. *O direito de*

- brincar: a brinquedoteca*. São Paulo: Scritta, 1992. p. 76-82.
- CUBIE, S.H. Occupational analysis. In: KIELHOFNER, G *A model of human occupational - theory and application*. Baltimore, 1985. p. 147-155.
- FRANCISCO, BR. *Terapia Ocupacional*. Campinas: Papirus, 1988.
- FRIEDMANN, A. A evolução do brincar. In: FRIEDMANN, A. et al. *O direito de brincar: a brinquedoteca*. São Paulo: Scritta, 1992. p.23-34.
- FRIEDMANN, A. A criança na brinquedoteca. In: FRIEDMANN, A. et al. *O direito de brincar: a brinquedotecas*. São Paulo: Scritta, 1992. p.65-73.
- KIELHOFNER, G., BURKE, J.P. Modelo de ocupação humana: parte I. Trad. por Maria Auxiliadora Cursino Ferrari. *Terapia Ocupacional*, São Paulo, v.1, n.1, p.54-67, 1990.
- LANDIVAR, J.G. *Como programar em educação especial* São Paulo: Manole Dois, 1990.
- MEDEIROS, M.H.A. *A terapia ocupacional como um saber. uma abordagem epistemológica e social*. São Paulo, 1989. Dissertação (mestrado) — UFSCar.
- VALETT, RE. *Tratamento de distúrbios de aprendizagem*, manual de programas psicoeducacionais. São Paulo: EPU: EDUSP, 1977.